

CRISES DA REPÚBLICA

Gabriella O. Dos Santos¹

Edimar Inocencio Brigido²

71

RESUMO: Esta é uma pesquisa de ensaio crítico sobre a obra *Crise da República*, escrita por Hannah Arendt. A autora é muito conhecida por suas obras de atualidade, visto que, apesar de ter vivido no início do século XX suas pesquisas e teorias são altamente usadas no atual cotidiano do século XXI. Com isso, Arendt era considerada uma mulher do seu tempo, por conta de sua preocupação em relatar problemas atuais. Consequentemente, uma de suas principais pesquisas e possivelmente a mais conhecida é sua teoria sobre os pilares que suportam o ocidente, tal teoria que é usada em sua obra, *Crise da República*, dado que Arendt faz menções problemáticas na política e filosofia. Em sua pesquisa sobre as crises da república Arendt a dividiu em três partes; A Mentira na Política, Desobediência civil e A Violência. A primeira parte, trata-se dos *Documentos do Pentágono* publicado pelo *New Yorker Times*, fazendo uso destes documentos Arendt relata sobre as mentiras e segredos do governo norte-americano. A segunda parte, fala sobre a revolta pública, na qual os cidadãos em principal destaque os universitários e negros se rebelião contra as leis injusta imposta pelo governo. Na terceira, e última parte Arendt fala sobre a violência imposta pelas superpotências com o intuito de intimidação. Mesmo sua obra tendo sido escrita em 1972, quando lida hoje em dia pode-se perceber que alguma de suas preocupações e críticas ao governo ainda existem no cotidiano atual.

PALAVRAS-CHAVE: Crise da República, Mentira na Política, Desobediência Civil, Violência, Crítica.

ABSTRACT: This is a research of a critical essay about the, Crises of the Republic, written by Hannah Arendt. The author is most known by your work of contemporary issues, seen that she lived in the begging of the 20th century and all of her researches and theories are still highly used in the current present of the 21th century. With this, Arendt was considered a woman ahead of time, due to her constant concern about current issues. Hence, one of her theories which is possibly the most well-known, is her theory of totalitarianism. Which theory was used in her work, Crises of the Republic, seen that she made mentions about the political and philosophical crises. During her research about the crises of the republic Arendt divided it in three parts; Lying in Politics, Civil Disobedience and Violence. The first part talks about the *Pentagon's Papers* published by the *New Yorker Times*, Arendt used the papers to illustrate the lying and secrets that were kept by the north America government. The second part talks about the public rebellion in which the citizens in special the university students and blacks united against the unfair laws established by the government. In the third and last part Arendt talks about the violence established by the industrial's superpowers with

¹ Graduanda do Curso de Direito do Centro Universitário Curitiba, turma 1MA, primeiro período, 1312010392.

² Doutor em Filosofia pela PUCPR. É professor na UNICURITIBA e na Faculdade Vicentina - FAVI

the intention of intimidation. Although, Arendt's work was written in 1972 when read now days it is noticeable that her career was dedicated to hers concern and that her critics are still a current issue.

KEYWORDS: Crises of the Republic, Lying in Politics, Civil Disobedience, Violence, Critics.

INTRODUÇÃO

Durante esta pesquisa bibliográfica, que aborda o tema Crises da República contém como referência a renomada autora Hannah Arendt. Posto isto, Arendt fala sobre os problemas de sua época, mas que podemos ver isto em nosso cotidiano.

Os principais fatos que veremos nesta pesquisa é a mentira na política, em particular no governo americano. Como também vamos ver a abordagem sobre a desobediência civil e o avanço dos “rebeldes” para provar suas crenças. E o último tema é a violência, em que vemos que Arendt usa termos como; poder e fortaleza, para explicar seu ponto de vista.

Consequentemente, pode-se ver que esta pesquisa trata de assuntos políticos passados. Mas se analisarmos com precisão, podemos ver que apesar dos tempos passados são assuntos atuais do século XXI.

1. A MENTIRA NA POLÍTICA

Para Arendt, a mentira na política está relacionada com os *Documentos do Pentágono*. Documentos tais que revelavam os segredos do governo norte-americano na Índochina desde Segunda Guerra Mundial até maio de 1968. Os documentos foram publicados pelo *New Yorker Times* em 47 volumes, com isso, este ato ficou conhecido como redemoinho de declarações falsas de toda ordem. Consequentemente, Arendt relata que a “veracidade nunca esteve entre a virtudes políticas, e mentiras sempre foram encaradas como instrumentos justificáveis nestes assuntos” (ARENDR, 2013, p. 15). Afirma ainda, que a mudança seria impossível se não pudéssemos nos mover mentalmente de lugares onde estamos fisicamente postos, se não fosse por conta da imaginação. Arendt, explica à vista disso que os fatos históricos são vulneráveis, por isto estão sempre em perigo de serem perfurados por mentiras comuns ou estraçalhados por mentiras organizadas, portanto, devem ser lembradas por testemunhas de confiança.

Por consequente, Arendt expõe que o mentiroso sempre será derrotado pela realidade, pois, não importa a dimensão de falsidade, ela nunca será o suficiente para suprir toda imensidão dos fatos mesmo que contenha ajudas tecnológicas. Então, explica que o povo não pode ser sempre manipulado, e que o único método próximo a ter a real influencia e o terror “uma promessa na mão e o chicote na outra”. Arendt diante disso, relata que há uma segunda variedade para a mentira; nesta estão os homens de grande confiança, equipados de teorias lúdicas e análises de sistema. Estes historiadores diferentes dos naturalistas tratam de assuntos que não são nem feitos nem representados por homens, tratam de assuntos relacionados com a capacidade do homem de ação. São apaixonados por suas teorias e dificilmente terão a capacidade de esperar que as teorias e as explanações hipotéticas sejam provadas ou negadas pelos fatos, então ajustam a realidade. Com isso acreditavam que a manipulação “[era o que] dirigia a mente das pessoas, portanto e o que realmente dirige o mundo” (ARENDT, 2013, p. 25).

Arendt explica que o governo americano fazia uso de uma guerra político-psicológica, na qual praticavam imprimir folhetos para espalhar mentiras falsamente atribuídas ao outro lado. Arendt faz uma alta crítica ao fato de que o serviço de inteligência americano era isolado de todas operações, assim não tinham a necessidade de mostrar resultados. Arendt alega então que “o problema com a mentira e o engodo e que só são eficientes se o mentiroso e o impostor têm uma clara ideia de verdade que estão tentando esconder” (ARENDT, 2013, p. 35). Posto isto, Arendt critica os resolvedores de problemas porque não julgavam, eles calculavam. Com isso, a política norte-americana não procurava meta real, boa ou má, que pudesse controlar ou limitar sua fantasia pura de poder.

2. DESOBEDIÊNCIA CIVIL

O transgressor de desobediência civil, para Arendt, deve estar disposto a ou mesmo ansioso a aceitar a punição por seu ato. Arendt então faz uma crítica a Thoreau, pois, apesar de ter tido passado a noite na cadeia por se recusar a pagar impostos para um governo que permitia escravidão, deixou que sua tia pagasse por ele na manhã seguinte. Dessa forma, Arendt questiona se a desobediência civil baseada em morais é realmente válida, dado que: “se a decisão de violar a lei depende realmente da consciência individual é difícil saber pela

lei se Dr. King está em melhor situação que o governador Ross Barnett do Mississippi, que também acreditava firmemente em sua causa e estava pronto a ir para a cadeia” (ARENDT, 2013, p. 61). Por conseguinte, Arendt questiona a integridade dos “homens bons”, pois, estes só se manifestam em emergências. E alega que o “bom cidadão” ao contrário precisa ser notado, pois ele mostra o resultado de pertencer a uma minoria.

Desse modo, Arendt expõe que a desobediência civil é como um desprezo pela autoridade estabelecida. Posto isso, a desobediência civil surge quando um número significativo dos cidadãos se convence de que os canais normais para mudança já não funcionam e que suas queixas não são ouvidas. Arendt, critica então que “há um abismo de diferença entre o mecanismo que evita os olhos do público e os contestadores civis que toma a lei em suas próprias mãos em aberto desafio” (ARENDT, 2013, p. 69). Mas, Arendt afirma que o compromisso moral do cidadão em obedecer às leis, tradicionalmente provem das suposições de que ele, ou deu seu consentimento a elas, ou foi o próprio legislador.

Consequentemente, Arendt critica abertamente a falta de interpretação e decisões da corte suprema. Pois, nos Estados Unidos específicas pessoas nunca foram bem-vindas e usa o exemplo da resolução *Dred Scott*, quem em 1857 sustentou que “os negros não são e não podem ser cidadão no sentido da constituição federal”. Posto isto, podemos ver está discriminação ainda no cotidiano atual, como é mostrado nos protestos feitos pelo grupo *Black Lives Matter*. Portanto, Arendt alega que para a desobediência civil ser estabelecida o governo teria que reconhecer que os grupos de minorias precisam da mesma atenção que os grupos predominantes. E que o próximo passo seria admitir publicamente que a primeira emenda não cobre nem em linguagem nem em espírito o direito de associações.

3. DA VIOLÊNCIA

Tratae das disputas internacionais ou como Arendt chama um “apocalíptico” jogo de xadrez entre as superpotências, sendo o objetivo racional a “intimidação e não a vitória” (ARENDT, 2013, p. 94). Portanto, acreditavam que enquanto houvesse intimidação haveria paz. Com isso, Arendt expõe que a fortuna boa ou má em nenhum outro lugar tem um papel mais fatídico em questões humanas do que no campo de batalha. Pois, nesses assuntos não existe certeza. Por

consequente, faz uma crítica ao método de intimidação, dado que, os pequenos países não possuem armas nucleares ou biológicas para participares do “jogo”. Consequentemente, Arendt critica abertamente a relação ao fato de que este incrível crescimento do prestígio dos estrategistas com a mentalidade científica nos conselhos governamentais não somente tinham o sangue frio para pensar o impensável, mas que justamente eles não pensam.

A violência, segundo Arendt, é algo que deveria ter uma certa consideração especial nos assuntos cotidianos. Posto isto, a autora faz o uso de citações de Clausewitz que diz que a violência e a “continuação da política por outros meios” ou de Engels que diz que “a violência é como um acelerador do desenvolvimento econômico”. Apesar disto, Arendt explica que estas afirmações sobre violência, poder e economia, tornam-se inaplicáveis dado que está continuação seria um suicídio universal. Arendt explica, que seria natural que novas gerações vivessem com mais consciência. Não porque sejam mais novos, mas porque esta são suas primeiras experiências decisivas no mundo. Portanto, são uma geração que “de modo algum [estavam] seguro de ter um futuro” (ARENDT, 2013, p. 105). Pois o futuro era uma bomba relógio.

Arendt critica os efeitos colaterais melancólicos de que precisamos somente marchar para o futuro. Arendt também faz uma crítica ao mal-uso das palavras “violência”, “poder”, “fortaleza”, “força” e “autoridade”, pois o uso correto destas palavras não é só uma questão de gramática, mas de perspectiva histórica. Afirma que as usa como sinônimos indica não somente uma certa surdez para significados linguísticos o que já seria bem grave, mas também resulta numa espécie de cegueira para as realidades a que correspondem. Por consequente, Arendt afirma que mesmo a violência dos dias de hoje, nos protestos negros e a violência potencial da represália branca não são manifestações de ideologias, são na verdade “protestos articulados em defesa de queixas genuínas” (ARENDT, 2013, p. 147). Explica, que a violência sendo um instrumental por natureza quando usado racionalmente na medida em que for eficaz para alcançar o fim em que a deve justificar. A violência não estimula causas, nem história, nem revolução, nem progresso e reação; mas serve para dramatizar ressentimentos e trazê-los ao conhecimento do público.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta apresentação de ensaio crítico em que usei a autora e filósofa Hannah Arendt, realizei uma pesquisa baseada em uma de suas mais obras, a Crise da República, publicada em 1972.

Nesta pesquisa, mencionei assuntos como: mentira na política, desobediência civil, e violência, que foram estudados apoiados pelo contexto histórico de Arendt e sua obra. Posto isso, desta pesquisa ter sido baseada em uma obra escrita na segunda metade do século XX, podemos dizer que é altamente relevante e atual se aplicado aos nossos assuntos políticos e democráticos cotidianos.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **A Crise da República**. Tradução de José Volkmann. São Paulo: Perspectiva, 2013.